

A GULA NO FILME *ESTÔMAGO* (2007)

Carla Lorena Queiroz Saraiva¹
lohqueiroz@gmail.com

RESUMO

A alimentação na esfera da cultura material se destaca como elemento essencial na estrutura da vida cotidiana. Os prazeres proporcionados pela comida e bebida compreendem significados que ultrapassam os limites da gastronomia, estão expressos nas sutilezas dos *gourmets* e *gourmands*, ou ainda, podem se manifestar em comportamentos compulsivos demonstrados através da gula, do canibalismo, dos excessos. O objeto desta investigação é a representação da gula no filme *Estômago* (2007), do diretor Marcos Jorge. Repleto de simbologias gustativas, identificamos as metáforas presentes no filme que tratam da gula associada a várias formas de desejo: a intensidade do corpo ávido por comida, o desejo do paladar, do poder, do sexo, cuja satisfação vai além do ato de ingerir o alimento, mas se materializam em hábitos, costumes, rituais e etiquetas.

Palavras-chave: Gula, Cinema, Estômago.

ABSTRACT

The power in the sphere of material culture stands out as an essential element in the structure of everyday life. The pleasures of the food and drink include meanings that transcend the boundaries of gastronomy, are expressed in the subtleties of *gourmets* and *gourmands*, or can manifest in compulsive behaviors exhibited by gluttony, cannibalism, excesses. The object of this research is the representation of gluttony in the movie *Estômago* (2007), directed by Marcos Jorge. Filled symbols of taste, we identify the metaphors in the film dealing with gluttony associated with various forms of desire: the intensity of avid body for food, the desire of taste, power, sex, whose satisfaction goes beyond the act of ingesting food, but manifests itself in habits, customs, rituals and labels.

Keywords: Gula, Movies, *Estômago*.

¹ Graduanda em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC/UECE).

1. Introdução

A alimentação na esfera da cultura material se destaca como elemento essencial na estrutura da vida cotidiana. “Os valores de base do sistema alimentar não se definem em termos de ‘naturalidade’, mas como resultado e representação de processos culturais que preveem a domesticação, a transformação, a reinterpretação da natureza.” (MONTANARI, 2008, p. 15) Logo, comida e cultura são duas realidades indissociáveis. “A alimentação, além de uma necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais, sexuais, políticos, religiosos, éticos, estéticos etc.” (CARNEIRO, 2003, p. 8) Nesse sentido, o comportamento alimentar ultrapassa o âmbito da necessidade e da nutrição.

Há muito, o alimento passou a ser fonte de prazer para o homem. “E este prazer abre caminhos para novos desejos, profissões, objetos de consumo, rituais de agregação, obras literárias e cinematográficas, novas formas de relacionamento.” (TIGER, 1993 apud NASCIMENTO 2007, p. 29) Destacando a comida e suas significações simbólicas expressas por meio das lentes cinematográficas, investigo as representações da gula no filme *Estômago* (Marcos Jorge, BRA/ITA, 2007). Identifico as metáforas presentes no filme que tratam da gula associada a várias formas de desejo: a intensidade do corpo ávido por comida, o desejo do paladar, do poder, do sexo, “cuja satisfação não obedece apenas ao curto trajeto que vai do prato à boca, mas se materializa em hábitos, costumes, rituais e etiquetas.” (CARNEIRO, 2003, p. 8)

2. Estômago: o filme

Estômago é a estreia de Marcos Jorge como diretor de longa-metragem, que também assina o roteiro juntamente com Lusa Silvestre, Claudia da Natividade e Fabrizio Donvito. A trilha sonora é de Giovanni Venosta. Foi inspirado no conto “Preso pelo Estômago”, de Lusa Silvestre, que, junto com Marcos Jorge, assina o argumento do filme. Sua realização foi possível após ter seu roteiro premiado em 1 milhão com o Prêmio de Baixo Orçamento do Ministério da Cultura e posteriormente acordado uma coprodução Brasil/Itália. O filme foi bem sucedido internacionalmente, sendo vendido para 26 países em todos os continentes e vencedor de 16 prêmios no exterior e 23 no Brasil.

Estômago é um longa-metragem e versa, basicamente, sobre comida e poder. Com narrativa não linear intercalada entre passado (boteco/restaurante) e presente (cadeia), o filme nos mostra a ascensão social do personagem Raimundo Nonato (João Miguel), um migrante nordestino que chega à cidade grande sem perspectivas, é contratado como faxineiro em um bar, descobre seu talento nato para cozinha e, com suas coxinhas, transforma o boteco em local de sucesso. Através do seu talento culinário e da ajuda de Giovanni (Carlo Briani), dono de um restaurante italiano, Nonato tem sua vida mudada ao ser contratado como ajudante de cozinheiro. Inicia-se sua afirmação no mundo, alcança posições de maior prestígio e o relacionamento com a prostituta Íria (Fabiula Nascimento). Na cadeia, o talento de Nonato logo é descoberto pelos seus companheiros de cela e após conquistar o violento e guloso chefe, Bujú (Babu Santana), começa também sua escalada ao poder. Como e porque ele foi preso, não sabemos. Esta pergunta só será respondida ao final do filme, quando se descobrirá o delito cometido por este homem e se completará seu aprendizado.

Com misto de fábula e humor negro, *Estômago* surgiu em um momento em que boa parte dos cineastas brasileiros fazia “favela *movie*”², retratando a violência explícita ou a fome no país. O filme seguiu em sentido contrário, trazendo uma nova proposta que é a temática da gastronomia, nos proporcionando uma sucessão de experiências sinestésicas. Percebemos um tratamento especial ao mostrar a arte culinária na medida em que confere caráter essencial para a comida em todos os aspectos, desde o modo de preparação dos alimentos até sua apresentação final (estética)³.

Durante toda a trama nos confrontamos com momentos em que é demonstrado um dos maiores prazeres que o ser humano pode experimentar, o da comida.

*O prazer de comer e de beber se desdobra em vários aspectos: a gastronomia, as peculiaridades dos gourmets, gourmands e glutões e foodies. E também em comportamentos compulsivos traduzidos no canibalismo, na gula, em suma, nos excessos.*⁴ (NASCIMENTO, 2007, p. 19)

² Gênero de filme que tem a favela como cenário e que retratam as periferias urbanas e seu cotidiano, enfocando principalmente o sofrimento do povo brasileiro e a violência.

³ Para garantir a fidedignidade e o efeito provocado nos espectadores (a vontade de comer aquilo que está se vendo), a equipe de produção contou com a presença de *food stylist* (também chamado de produtor de culinária ou estilista de alimentos, este profissional valoriza as características do alimento e prepara a montagem e decoração de cada prato), que prestou consultoria de comportamento na cozinha e produziu os alimentos utilizados no set durante as filmagens.

⁴ No francês antigo, *gourmet* significava “ajudante de negociadores de vinhos” e *gourmand* era sinônimo de “glutão, guloso”. Atualmente, por extensão de sentido, definem-se os termos *gourmet* como “aquele que aprecia o refinamento da comida e da bebida”, *gourmand* “aquele que gosta da boa alimentação e come por prazer” e *gourmandise* “guloso, glutão”.

Sobre os sentidos humanos e os prazeres proporcionados por eles, Girolamo, o primeiro teórico do monaquismo medieval explicava que, “os cinco sentidos são igualmente como ‘janelas’ que introduzem o vício no homem, uma vez que conduzem a atenção ao corpo e aos prazeres físicos (mas intelectuais também) que ele pode lhe dar.” (MONTANARI, 2011) Deste modo, todos os sentidos são ameaçadores, contudo, o paladar apresenta maior risco já que é o único que não podemos nos privar. É justamente na experiência do ato de comer que o homem é levado a experimentar o prazer que pode levá-lo a um caminho que dificilmente sairá - o vício da gula.

Em *Estômago* temos o paladar estimulado através da visão, apresentando a gula como instrumento de persuasão no desenvolvimento da narrativa. Considerada como ingestão excessiva de comida e bebida, a gula já foi vista como um dos principais vícios que destroem o homem. Esteve ligada à ideia de pecado e conferiu *status* e poder a quem a praticasse. No mundo contemporâneo, a gula expressa na prática do exagero volta a ser alvo de condenação, não no sentido moral, mas no sentido social. Ao mesmo tempo, somos constantemente estimulados a experimentar os prazeres que a comida nos proporciona, haja vista a explosão dos *gourmets*, dos *chefs* e o crescente número de cursos de gastronomia e restaurantes em diversos locais. Percebemos hoje, as pessoas geralmente dispostas à prática do excesso da comida sem o sentimento de culpa, sempre com o aval da sociedade em geral. Vivemos um paradoxo em relação à alimentação e as mídias são suportes fundamentais na discussão dessas questões, considerando que, simultaneamente são responsáveis tanto por despertarem os prazeres proporcionados pelo paladar, como por causar receio ao divulgarem os males físicos e psíquicos causados pelos excessos.

Para que a reflexão que proponho sobre a gula no filme *Estômago* se concretize, é necessário ampliar o tema e considerar também a hipótese de que o homem, seja ele de que época for, está propenso a devorar exageradamente outras coisas além da comida necessária à nossa existência. A partir de três personagens: Íria (a prostituta glutona), Bujú (o preso glutão) e Raimundo Nonato/Alecrim (o cozinheiro), reflito sobre diferentes tipos de gula, expressas através de símbolos gustativos e metáforas contidas na obra cinematográfica.

3. A gula como instrumento de persuasão

3.1. Íria, a prostituta glutona

A primeira conquista resultante do talento culinário de Raimundo Nonato é apresentada logo nas primeiras cenas do filme, com Íria devorando e elogiando as coxinhas e deixando claro sua adoração pela comida, mesmo sem saber cozinhar, conforme diálogo:

Íria – Puta, essa coxinha tá de comer gozando. Olha Raimundo Nonato, se eu soubesse cozinhar assim, tava noutra vida. Com certeza. [...]

Nonato – Ih, não dá pra casar, então.

Íria – Foda-se. Não sei cozinhar, mas eu adoooooro comida. [...]



FIGURA 1 – PRIMEIRO CONTATO DE NONATO E ÍRIA, COM ÊNFASE NA DEGUSTAÇÃO DA COXINHA

Nestas primeiras cenas percebe-se que Íria aprecia a boa comida, ficando nítido nas ações de observar, cheirar e saborear as coxinhas, ao mesmo tempo em que comenta sobre gastronomia e propõe a Nonato a preparação de pratos mais elaborados. Visualmente, seu corpo sugere uma personagem suscetível à gula, que se confirma ao longo de todo o filme, em que a comida é determinante na realização de suas ações. “A fome da protagonista, mais do que as cenas revelam, expressaria carências e dramas mais profundos.” (GUIMARÃES, 2009, p. 202)



FIGURA 2 – ÍRIA, A PROSTITUTA GULOSA

Nesta cena observamos a prática da gula em sua forma mais comum, representada por Íria que em busca do seu objeto de desejo (as coxinhas) ataca a geladeira do boteco onde Nonato trabalha e dorme. Neste momento, uma música se inicia envolvendo o espectador de forma a propiciar o prazer de observar o desfrute da comida, “o que se traduz em imagens que causam impacto (...), porque oscilam entre o sublime e o patético.” (GUIMARÃES, 2009, p. 192)

O relacionamento de Nonato e Íria é traduzido pela relação de troca de comida por sexo. Em quase todas as cenas em que Íria aparece esta condição de permuta deixa claro os poderes de quem prepara o alimento.



FIGURA 3 – COMER E “COMER” – SEXO ALLA PUTTANESCA

“A trama de *Estômago* desenvolve-se na subversão intencional do espaço e do tempo, em nome da exacerbação dos sentidos, da gula, da luxúria e dos prazeres da mesa ou na cama.” (GUIMARÃES, 2009, p. 201-202) A cena acima se inicia com um *travelling*⁵ vertical que aos poucos revela o ato sexual entre Nonato e Íria ao mesmo tempo em que ela sacia sua fome com um prato de macarrão *alla puttanesca*. No fim da sequência a ênfase é na comida demonstrada através do *close* no prato. Aqui o ato de comer mantém ligação direta com a ideia de prazer, inclusive daquele sexual. Sinalizamos que o verbo “comer” na linguagem popular serve para designar tanto o comportamento de se alimentar como o ato sexual.

Percebemos em todos os fotogramas anteriores que a gula manifestada nesta personagem está diretamente vinculada à luxúria e associada à ideia freudiana de gozo.⁶

⁵ Quando falamos de *travelling*, referimo-nos, de uma forma genérica, a qualquer forma de mostrar a ação em que existe uma deslocação da câmera, independentemente do modo como é tecnicamente conseguido (através de carris, gruas, aviões, carros, etc.). Existem vários tipos de *travelling*: vertical, lateral, circular ou composto.

⁶ O conceito de gozo tem a ver com o encontro do sujeito com o objeto e está ligado à pulsão. A pulsão é aquilo que faz com que uma fonte procure um objeto para alcançar a satisfação. O gozo seria então a satisfação da pulsão, seria o encontro do sujeito com o objeto, seria não haver a falta, a expressão da

Revelados no diálogo reproduzido anteriormente, quando Íria diz que para ela não importa o casamento, e posteriormente quando Nonato se mostra apaixonado e ela se mantém indiferente. Íria está presa a um círculo vicioso, comer é seu prazer por excelência. Assim, a voracidade nela presente tende a funcionar sob a forma de compulsão oral e como tal não pode ser negligenciada, nem ligar-se a outros objetivos. Podemos ter apetite por qualquer coisa, mas para o glutão só há uma fome: a do alimento concreto.

3.2. Bujiú, o preso glutão

Como representante da gula em sua forma mais convencional, temos Bujiú, o ‘chefe’ da prisão. Nomeado de ‘Alecrim’ por Bujiú, Nonato conquista o chefe logo na primeira refeição.



FIGURA 4 – PRIMEIRA REFEIÇÃO DE BUJIÚ FEITA POR NONATO/ALECRIM

Após a primeira refeição Nonato/Alecrim garante o espaço no beliche de Bujiú, com isso ele percebe que pode ascender também dentro da cadeia e começa sua busca incansável pelo poder. Bujiú come e bebe desmedidamente e a consequência só pode ser negativa.

Nomeado como cozinheiro oficial, Bujiú exige de Nonato/Alecrim um banquete para comemorar a transferência do bandido Etecêtera (Paulo Miklos), o ‘chefão’. Para receber o renomado preso, a cozinha principal do presídio com comida e bebida de qualidade, ambiente propício para a execução do plano final de Alecrim que culminará no desfecho da trama.

completude. Na falta do objeto, o sujeito busca incessantemente satisfazer à pulsão de outra forma, que neste caso se expressa através da compulsão oral/alimentar, da gula.



FIGURA 5 – BANQUETE CHEFIADO POR NONATO/ALECRIM

No banquete Nonato/Alecrim discursa sobre vinhos e sobre a comida que está sendo servida demonstrando ser conhecedor das iguarias. Contudo, o requinte dos pratos e a sequência do ritual gastronômico não agrada os convivas, principalmente Bujjú, que pede para que seja servida toda a comida de uma vez só, comprovando mais uma vez a sua voracidade. Percebemos que o diretor opta por realçar o fazer gastronômico cotidiano, expresso através do detalhamento da produção da comida, dos *closes* e dos diálogos dos comensais. Marcos Jorge diz que “no Estômago, o que queríamos era mostrar a beleza dos pratos populares, e a preparação deles em ambientes, como frequentemente acontece, precários.” (JORGE, 2008, p. 23) Temos então a ‘baixa gastronomia’ - termo utilizado pelo diretor para designar a culinária praticada nos ambientes mais improváveis de se desenvolver com qualidade, como a cozinha do boteco sujo e a penitenciária.



FIGURA 6 – O BANQUETE FINAL

Após a segunda rodada de comes e bebes, chega a hora do prato principal. Nesses fotogramas observamos o desejo ávido de Bujú que não vê a hora de ‘atacar’ o porco. Atentemo-nos à interpretação que o homem tem do porco, um animal guloso e sujo que sacia a sua fome com o alimento que aquele rejeita. Podemos fazer uma leitura deste animal como uma metáfora, na qual transformamos os alimentos para ingeri-lo ao mesmo tempo em que ele se transforma em nós: “Somos o que comemos”. A cena se inicia com um *travelling* lateral - como mostra a figura 6 – que vai do porco que será consumido e segue até os carcereiros que também participam do banquete, e retorna exibindo o porco já devorado e todos satisfeitos, exceto Bujú. Destacamos os *travellings* pouco convencionais no cinema brasileiro que ajudam na narrativa da história.



FIGURA 7 – “MORRENDO PELA BOCA”

Mesmo após ter comido todos os pratos servidos no banquete, Bujú ainda pergunta se tem feijão, pois sem este sua refeição não é completa. E é justamente no prato típico da culinária brasileira que o detento encontra sua punição, na comida envenenada que Nonato lhe oferece. É a partir do segundo crime cometido por este que conquista o beliche de cima e passa a comandar a cela.

3.3. Nonato, o cozinheiro

É em meio a distintos sabores, cheiros e prazeres gastronômicos que aos poucos se revela a evolução de Nonato como cozinheiro e suas conquistas rumo à saída do anonimato, ora na cozinha do boteco, ora no restaurante italiano, ora na prisão. Acompanhamos a mudança identitária do personagem, que se utiliza da arte

gastronômica para o exercício do poder, se beneficiando e manipulando quem o rodeia para garantir sua afirmação. Aos poucos, sua habilidade torna-se necessária à sua sobrevivência e transforma-se em ferramenta com a qual Nonato media sua relação com o mundo. Ele cozinha para ter sexo, sossego, conforto e poder.

Durante toda a trama, o protagonista Raimundo Nonato/Alecrim nunca come, a leitura da gula nesse personagem diz respeito ao excesso da bebida e à busca incansável do poder. Ele se apodera da comida não para satisfazer um prazer imediato, barato, ele se utiliza da gula (dos outros) como instrumento de persuasão e mediadora de relações. Seja em seu relacionamento com Íria, ou para ganhar prestígio junto a seus companheiros de cela.



FIGURA 8 – A GULA DE NONATO/ALECRIM REPRESENTADA PELO EXCESSO DA BEBIDA

O primeiro fotograma acima antecede à prática do crime que levará Íria e seu amante à morte. O segundo precede o assassinato de Bujiú na cadeia. Note-se que sempre antes de cometer os atos criminosos, Nonato comete a gula pelo consumo excessivo da bebida, especificamente do vinho. Vale ressaltar que os vinhos no Brasil das últimas décadas têm sido associados a refinamento e prestígio social, exatamente aquilo que o protagonista busca em sua jornada.



FIGURA 9 – O FLAGRANTE DOS TRAIDORES

No dia de seu noivado com Íria, Nonato se depara com a traição de sua noiva com Giovanni. Com direito a degustação completa da comida, ela se delicia e ao final da refeição retribui os agrados gastronômicos com um beijo na boca (outrora, antiético).



FIGURA 10 – O IMPACTANTE FINAL

O impacto de toda a trama é demonstrado nestas cenas. O que seria apenas uma ação comum de um cozinheiro se transforma num ato de antropofagia. A câmera foca no pedaço de carne sendo frito e destaca Nonato com um semblante triste. Logo após segue o trajeto da cozinha até o quarto no andar de cima, revelando que a carne que ele prepara saiu da nádega da mulher assassinada. Apesar de não mostrar o ato em si, fica claro que ele praticou antropofagia. Sobre antropofagia Veríssimo salienta que,

Comer é uma forma extrema de possuir o que queremos, seja o fígado ou a coragem do inimigo, o sangue redentor do deus ou a carne da pessoa amada. Fazemos tudo isso no sentido figurado porque, afinal, civilização é isso, é a domesticação dos nossos apetites, mas na nossa linguagem ainda somos predadores e comemos todas as nossas presas. (VERÍSSIMO, 2001, p.152)

O ato antropofágico que sugere o filme está imbricado com a relação de poder. Mais uma vez o verbo ‘comer’ aparece em dupla conotação. Analisando sob este aspecto percebemos que havia entre Nonato e Íria um relacionamento recíproco, pois, ele fornecia o alimento e ela o sexo. A partir do momento em que ele a mata, a relação se dissolve tornando-o “único detentor de poder. O ‘ativo’; que provê e ainda ingere ‘as comidas’.” (KUCZYNSKI, 2012, p. 112)

Retomando a ideia de gula exposta no início deste artigo, ressalto que é no personagem Nonato que se concentram todos os vícios que destroem o homem. Estimulados pela gula temos a luxúria (expressa na relação sexual com Íria), a avareza (desejo incontrolável de ascender socialmente, ganância), a ira (sentimento de vingança

que culminou no assassinato de Íria e seu amante), a inveja (desejo de possuir o poder de Bujiú que leva Nonato a matá-lo para tomar o seu lugar), a preguiça (expressa nas cenas finais após ter conquistado seu espaço no presídio) e a vaidade (associada ao orgulho excessivo).

4. Considerações finais

Este artigo antes de tudo é um ponto de partida para tentar compreender melhor as relações entre o cinema, a comida e os vários aspectos a ela entrelaçados. Foi possível observar a partir da análise fílmica que a gula, considerada um excesso, compulsão além das necessidades e dos desejos, obsessão conduzida por uma força incontrolável, também pode ser relacionada a outros comportamentos que não impliquem apenas comida: a avidez sem controle, por sexo, relacionamentos e tudo o que proporcione prazer imediato. A investigação realizada, também evidenciou que o tema comida, associada a outros prazeres, tornou-se crucial na atualidade, provocando novas discussões e abrindo espaço para reformular visões de mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Henrique. *Comida e sociedade: uma história da alimentação*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. *O Filme Estômago: comida, diversão e arte*. Revista Contracampo, Niterói, n. 20, 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/viewArticle/16>>.

JORGE, Marcos, NATIVIDADE, Claudia, SILVESTRE, Lusa. *Estômago - Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Claudia da Natividade para filme de longa-metragem versão para filmagem com notas de Marcos Jorge*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

KUCZYNSKI, Uliana. *A comida em cena: uma análise da relação entre história e cinema a partir de Estômago, o filme*. Dissertação de mestrado (Curso de Pós-graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, 2012.

MONTANARI, Massimo. *Do paladar gastronômico ao bom gosto intelectual*. In: Revista Contextos da Alimentação, vol. I, num. I. São Paulo: Editora SENAC, 2011.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. *Comida: prazeres, gozos e transgressões* [online]. 2ª ed., Salvador: EDUFBA, 2007.

VERISSIMO, Luis Fernando. *A mesa voadora*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.